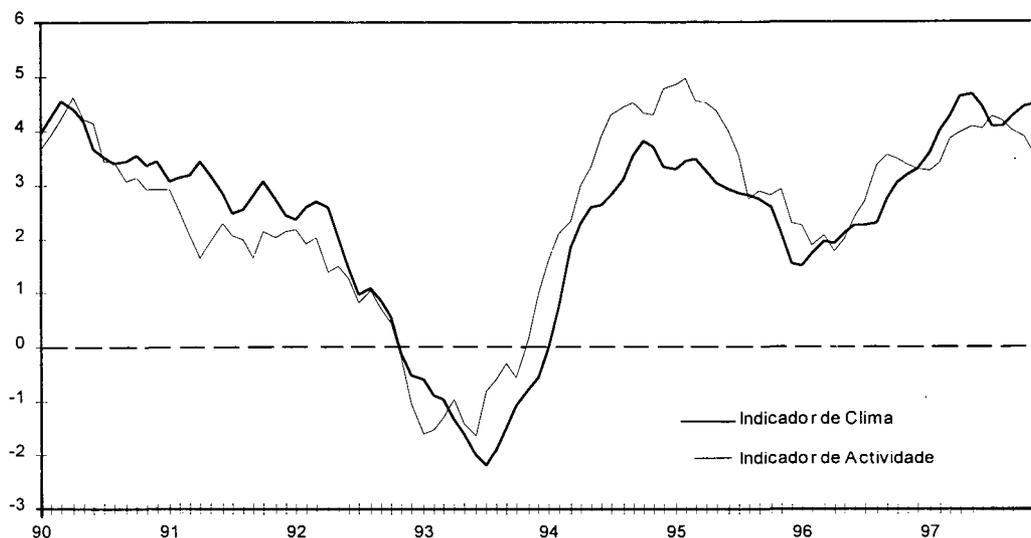


## SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

DEZEMBRO DE 1997

### INDICADORES DE SÍNTESE CONJUNTURAL



A economia dos principais países clientes de Portugal continua a recuperar, tendo o respectivo índice de produção industrial crescido 4,3 por cento durante o trimestre terminado em Outubro. Esta tendência prolongou-se até ao final de Dezembro, período em que a carteira de encomendas na indústria e o indicador de confiança dos consumidores se mantiveram em alta na União Europeia e nos Estados Unidos. O desemprego mantém-se estável na União Europeia, 10,7 por cento em Outubro, e nos Estados Unidos, 4,7 por cento em Dezembro. A inflação conheceu durante os últimos meses uma ligeira aceleração na União Europeia e registou uma tendência inversa nos Estados Unidos.

O crescimento em Portugal permanece mais intenso do que no exterior, apesar de o indicador coincidente de actividade económica ter desacelerado um pouco, crescendo 3,5 por cento durante o trimestre terminado em Novembro. O indicador de clima económico manteve um ritmo forte e estável até ao final de Dezembro, o que significa que os agentes económicos prevêem um andamento vivo da economia durante os próximos meses. Este dinamismo permitiu durante o quarto trimestre um novo crescimento do emprego e uma redução da taxa de desemprego para 6,5 por cento.

A desaceleração do crescimento económico resultou principalmente de um andamento mais lento da procura interna, particularmente do investimento, apesar do respectivo indicador coincidente ter crescido ainda 7,9 por cento durante o quarto trimestre. O indicador de confiança dos consumidores estabilizou durante este período, sugerindo idêntico comportamento por parte do crescimento do consumo das famílias, embora se tenha verificado alguma reanimação do consumo corrente.

O crescimento do valor exportações acelerou durante o terceiro trimestre mas a conjugação do dinamismo da procura interna com a desvalorização do escudo provocou uma subida ainda mais forte das importações. As apreciações dos industriais sugerem um menor dinamismo da procura externa durante os dois últimos meses de 1997.

A variação homóloga do índice de preços no consumidor subiu para 2,3 por cento em Dezembro, enquanto os salários contratados cresciam 3,4 por cento durante o quarto trimestre. A subida da inflação é principalmente explicada pelos bens alimentares, apurando-se a sua descida nos restantes bens transaccionáveis e não transaccionáveis. No entanto, o indicador da inflação subjacente conheceu também uma ligeira aceleração até ao final de Dezembro, o mesmo sucedendo até ao final de Outubro com os preços de venda à saída da fábrica, excluindo produtos alimentares e energéticos.

## **C**atálogo recomendada

**SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL.** Lisboa, 1997-  
Síntese económica mensal / ed. Instituto Nacional de  
Estatística. - Novembro 1997- . - Lisboa : I.N.E.,  
1997- . - 30 cm  
Mensal  
ISSN 0873-9374

### **Director**

Presidente do Conselho de Administração  
C. Conça Gago

### **Editor**

Instituto Nacional de Estatística  
Av. António José de Almeida  
1000 LISBOA  
Telefone: (01) 847 00 50  
Fax: (01) 847 85 78

### **Composição**

INE - Gabinete de Estudos  
Área Económica

### **Impressão**

INE - Secção de Artes Gráficas

**Tiragem:** 700 exemplares

**Depósito legal nº.** 117748/97

**Preço:** 480\$00 (IVA incluído)

**Para esclarecimentos sobre a informação apresentada contacte:**

**Gabinete de Estudos - Área Económica**

**Dr. Francisco José Melro - Ext. 3821**

**O INE na Internet**  
<http://www.ine.pt>

---

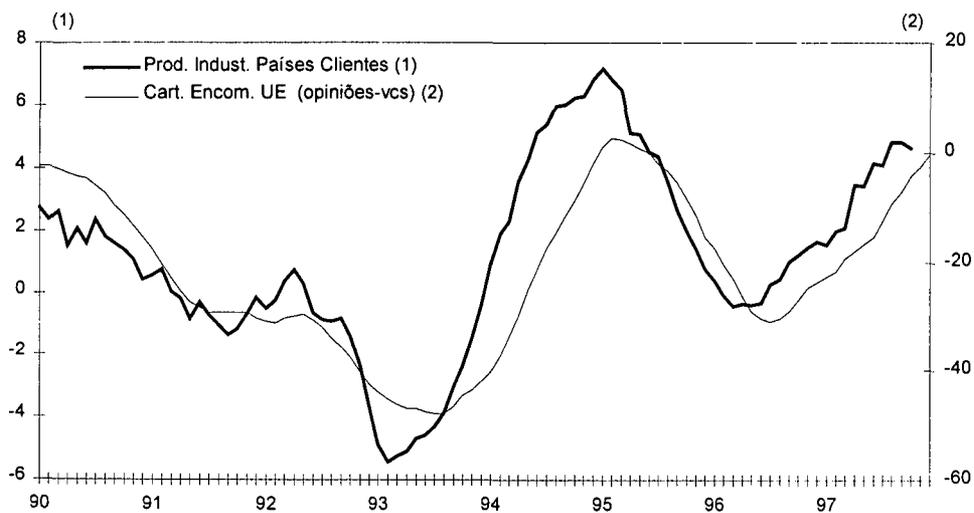
**SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL**

**DEZEMBRO DE 1997**

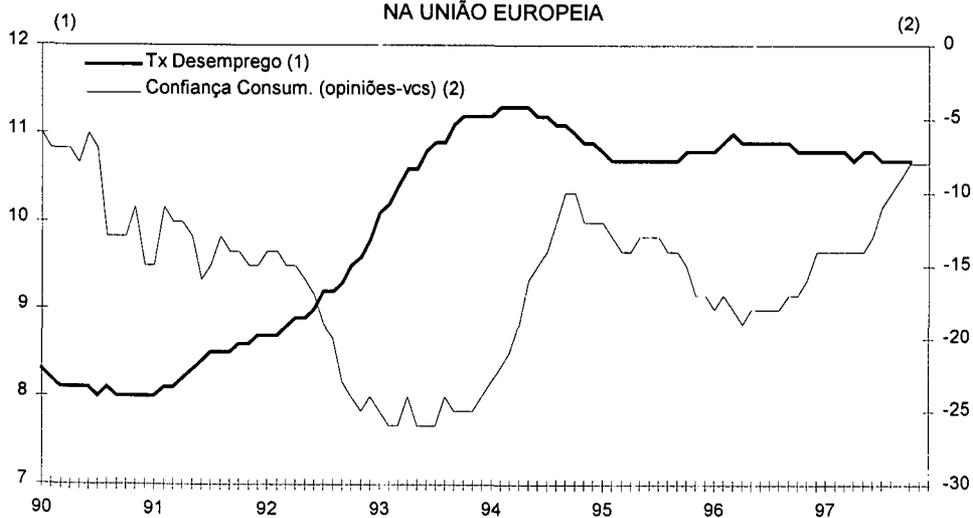
---

	Trimestres					Meses		
	IV.96	I.97	II.97	III.97	IV.97	Out.97	Nov.97	Dez.97
<b>ENQUADRAMENTO EXTERNO</b>								
PIB dos Países Clientes (tvh-volume)	2.4	2.4	2.7	2.9	-	X	X	X
Produção Industrial dos Países Clientes (índice)	1.7	2.1	4.2	4.8	-	4.6	-	-
Cart.Encomendas da Indústria na UE (opiniões-vcs)	-24	-19	-15	-7	0	-1	-1	1
Indic.Confiança dos Consumid.na UE (opiniões-vcs)	-16	-14	-14	-10	-8	-8	-8	-8
Taxa de Desemprego na UE (valor mensal)	10.8	10.8	10.8	10.7	-	10.7	-	-
Preços no Consum.na UE (índ.mensal harmonizado)	2.2	1.9	1.5	1.7	-	1.7	1.8	-
Preços de Produção nos Países Forneced. (índice)	0.8	0.6	0.9	1.6	-	1.6	-	-
Preços de Matérias-Primas (índice "The Economist")	-7.2	0.8	4.6	2.6	0.4	2.2	1.0	0.4

### CONJUNTURA INDUSTRIAL NO EXTERIOR



### DESEMPREGO E CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES NA UNIÃO EUROPEIA



---

## ENQUADRAMENTO EXTERNO

---

*O FMI considera pouco significativos os efeitos da crise financeira asiática no crescimento do PIB dos Estados Unidos e da UE em 1998. Pelo menos até ao final de 1997, os indicadores disponíveis fornecem uma leitura semelhante. A produção industrial dos nossos principais parceiros económicos manteve um forte dinamismo até ao final do ano, o indicador de confiança dos consumidores e a taxa de desemprego na UE revelaram uma relativa estabilidade. Mas a inflação da UE apresenta uma ligeira tendência de subida.*

Segundo as projecções de Dezembro do FMI, o crescimento da economia mundial deverá abrandar em 1998, situando-se em 3,5 por cento, contra cerca de 4 por cento em 1997, o que traduz uma revisão em baixa de 0,8 pontos percentuais em relação às suas previsões de Outubro. Esta revisão foi provocada pela crise financeira no Sudeste Asiático. Esta crise deverá afectar particularmente a economia japonesa e provocará uma redução de apenas 0,1 e de 0,2 pontos percentuais no crescimento económico da UE e dos EUA, respectivamente. O FMI continua a prever um crescimento relativamente intenso da UE, considerando que um eventual abrandamento das exportações será compensado por um maior dinamismo da procura interna.

A produção industrial dos principais países clientes de Portugal registou uma subida homóloga de 4,6 por cento no trimestre terminado em Outubro. Tendo em conta as apreciações dos empresários da indústria transformadora da UE, ter-se-à verificado uma melhoria significativa do nível da sua carteira de encomendas e uma evolução bastante positiva da produção até ao final de Dezembro. A produção industrial nos EUA mantém um forte dinamismo, crescendo 5,4 por cento durante o trimestre terminado em Novembro.

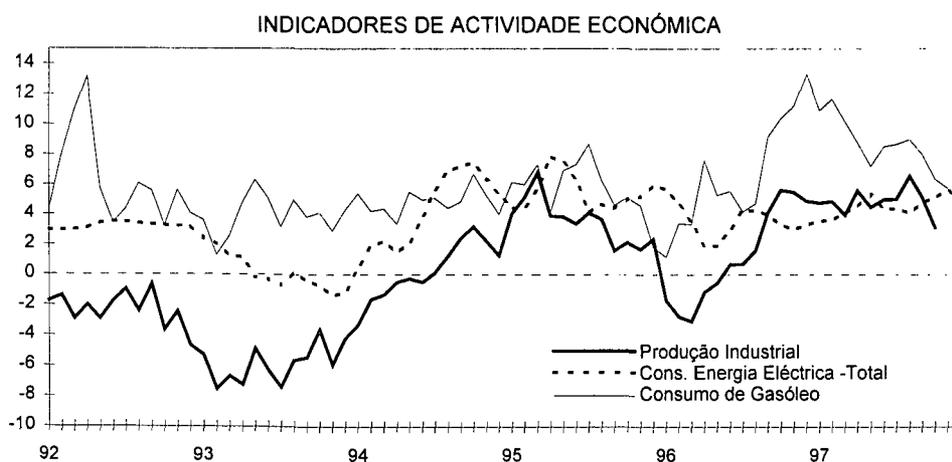
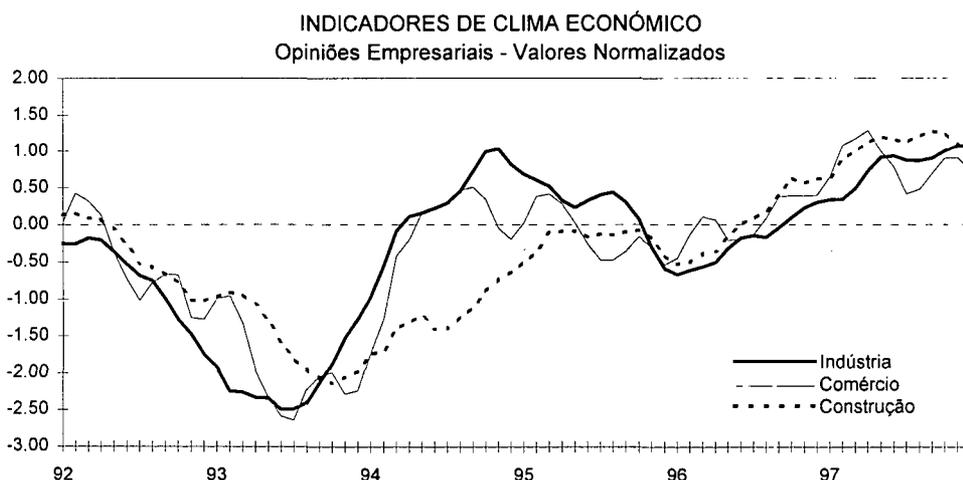
De acordo com as avaliações empresariais, o volume de investimento realizado em 1997 pela indústria transformadora da UE registou um aumento de 5 por cento, uma subida idêntica à verificada em 1996 e à prevista para 1998. Em 1997 e 1998, os cenários mais favoráveis registam-se na Grécia e na Suécia, enquanto os mais desfavoráveis verificam-se na Dinamarca, Holanda e Reino Unido.

Durante o trimestre terminado em Outubro, o valor das exportações de mercadorias, na respectiva moeda nacional, registou um crescimento homólogo de 24,1 por cento em Espanha e de cerca de 15 por cento na França e na Alemanha. Inversamente, as exportações do Reino Unido apresentaram uma diminuição homóloga de 2,2 por cento durante esse período. As apreciações dos industriais da UE sugerem uma evolução muito favorável da sua carteira de encomendas externa até ao final de Dezembro.

O indicador de confiança dos consumidores da UE evidenciou uma relativa estabilidade até ao final de Dezembro, verificando-se uma tendência idêntica na taxa de desemprego, que atingiu 10,7 por cento no final de Outubro. Em Novembro, a taxa de desemprego desceu para 12,4 por cento em França e em Dezembro subiu para 11,9 por cento na Alemanha e para 4,7 por cento nos Estados Unidos.

A variação homóloga do índice de preços harmonizado no conjunto da UE subiu para 1,8 por cento em Novembro. Ao longo do trimestre terminado em Outubro, os preços de produção dos países principais fornecedores de Portugal cresceram 1,6 por cento, prosseguindo a tendência de aceleração observada desde o final do primeiro trimestre de 1997. No entanto, as avaliações dos industriais da UE apontam para uma ligeira desaceleração dos preços de venda até ao final de Dezembro. O índice geral das matérias-primas, em dólares, apresentou uma evolução moderada, aumentando 0,4 por cento durante o quarto trimestre, enquanto o preço do petróleo sofria uma quebra homóloga de 19,3 por cento.

	Trimestres					Meses		
	IV.96	I.97	II.97	III.97	IV.97	Out.97	Nov.97	Dez.97
<b>INDICADORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICA</b>								
Indicador de Clima Económico	3.3	4.3	4.5	4.2	4.4	4.4	4.5	4.4
Indicador da Actividade Económica	3.3	3.8	4.0	4.0	-	3.9	3.5	-
Produção da Indústria Transformadora (índice)	4.9	4.0	5.0	5.2	-	3.1	-	-
Volume de Negócios da Indústria Transf. (índice)	5.9	0.7	3.7	4.7	-	6.1	-	-
Proc. Interna Bens Intermédios (opiniões-ve-mm3m)	-15	-15	-7	-8	-4	-6	-6	-4
Volume de Vendas no C.Retalho (índice)	4.6	4.6	4.5	-	-	-	-	-
Indicador de Clima na Indústria (opiniões-v.normal.)	0.30	0.49	0.94	0.90	1.08	1.00	1.08	1.08
Indicador de Clima na Construção (opiniões-v.norm.)	0.62	1.00	1.16	1.28	1.01	1.26	1.09	1.01
Indicador de Clima no Comércio (opiniões-v.normal.)	0.40	1.17	0.78	0.70	0.73	0.90	0.91	0.73
Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto (vcs-mm3m)	53.3	54.4	56.3	55.0	-	55.2	-	-
<b>CONSUMOS ENERGÉTICOS</b>								
Energia Eléctrica - Total	3.3	4.1	4.4	4.8	4.4	5.1	5.7	4.4
Consumo de Gasóleo	13.3	10.2	8.5	8.0	-	6.4	5.8	-
Consumo de Fuel na Indústria Transformadora	11.2	1.1	10.8	5.4	-	6.3	5.5	-



---

## ACTIVIDADE ECONÓMICA

---

*O ritmo de crescimento económico abrandou ligeiramente durante os últimos meses de 1997. No entanto, a economia manteve um andamento vivo e o clima económico manteve-se estável. Os sectores dos serviços e da construção foram aqueles em que os sinais de abrandamento foram mais visíveis.*

O indicador coincidente de actividade económica conheceu um crescimento homólogo de 3,5 por cento durante o trimestre terminado em Novembro, revelando um andamento bastante vivo. Contudo, regista-se uma ligeira desaceleração do ritmo de crescimento deste indicador, que durante os segundo e terceiro trimestres tinha apresentado variações homólogas de cerca de 4 por cento. Por sua vez, o indicador de clima económico manteve durante o quarto trimestre um ritmo de crescimento próximo do verificado nos trimestres anteriores, o que parece indicar que, apesar do ligeiro abrandamento dos últimos meses, os empresários se mantêm confiantes quanto ao andamento da economia. O dinamismo da economia é também confirmado pelo crescimento homólogo de 1,6 por cento do emprego por conta de outrem durante o quarto trimestre.

O consumo de energia acompanhou esta tendência do conjunto da economia. O consumo de energia eléctrica, corrigido da temperatura e do número de dias úteis, cresceu 4,4 por cento durante o quarto trimestre, contra 4,8 por cento no trimestre anterior. Por sua vez, as vendas de gasóleo apresentaram uma subida homóloga de 5,8 por cento durante o trimestre terminado em Novembro, uma evolução bastante menos intensa do que a apurada em trimestres anteriores.

A informação disponível sugere que a indústria transformadora manteve um andamento relativamente estável e que o abrandamento do ritmo de crescimento terá sido mais visível nos sectores dos serviços e da construção.

O índice de produção na indústria transformadora cresceu apenas 3,1 por cento durante o trimestre terminado em Outubro. Mas os indicadores resultantes do inquérito de opinião realizado junto das empresas revelam um andamento relativamente forte e sustentado até ao final de Dezembro. A mesma indicação é

fornecida pelos crescimentos do consumo de fuel até ao final de Novembro e do emprego na indústria transformadora durante o quarto trimestre.

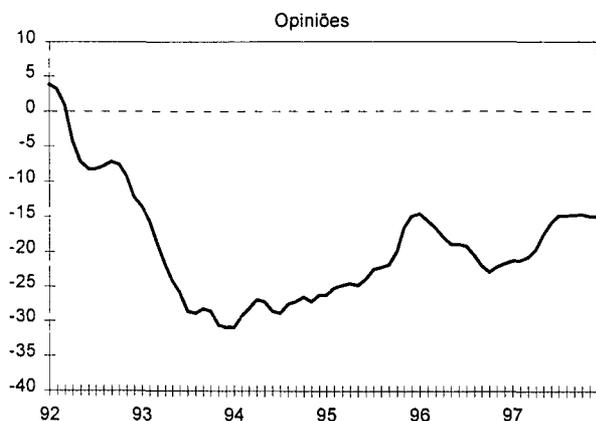
Por sua vez, o emprego nos serviços sofreu uma descida homóloga de 2,1 por cento durante o quarto trimestre e o indicador de clima no sector do comércio retrocedeu um pouco entre Outubro e Dezembro, o que aponta para uma desaceleração relativamente significativa da actividade no sector dos serviços no final de 1997.

No entanto, a actividade no sector da hotelaria conheceu uma tendência de recuperação, pelo menos, até ao final do terceiro trimestre, tendo o número de dormidas na hotelaria subido face ao período homólogo, o mesmo sucedendo com a taxa de ocupação hoteleira.

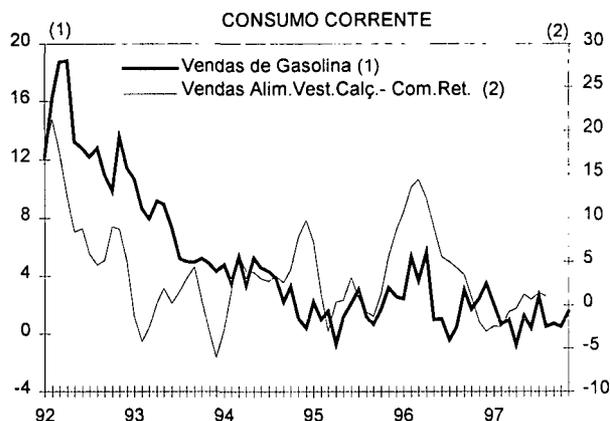
O indicador de clima na construção revelou também um menor dinamismo durante o quarto trimestre. Outros indicadores sectoriais, com destaque para o consumo de materiais, registaram uma desaceleração bastante mais intensa, tendo as vendas de cimento crescido apenas 0,9 por cento durante o quarto trimestre, enquanto as de varão para betão diminuíam cerca de 15,5 por cento. Apesar da desaceleração evidenciada por estes indicadores, o inquérito ao emprego do INE apurou uma subida homóloga de 11,4 por cento do emprego neste sector durante o quarto trimestre, o que revela que o seu crescimento produtivo se manteve ainda bastante forte. As boas perspectivas da actividade sectorial são visíveis na subida de 116,8 por cento do valor das adjudicações de obras públicas durante o ano de 1997 e no crescimento homólogo de quase 12 por cento do número de licenças para a construção de novas habitações durante o trimestre terminado em Outubro.

	Trimestres					Meses		
	IV.96	I.97	II.97	III.97	IV.97	Out.97	Nov.97	Dez.97
<b>CONSUMO PÚBLICO</b>	8.1	11.3	5.8	10.9	-	11.0	9.1	-
Despesas com Pessoal	10.9	12.1	7.5	10.6	-	12.0	9.1	-
Despesas com Bens e Serviços	-1.1	1.2	-10.8	13.2	-	4.1	9.2	-
<b>CONSUMO PRIVADO</b>								
Indic. de Confiança dos Consumidores (opiniões)	-22	-21	-16	-15	-15	-15	-15	-15
Crédito ao Consumo (tvh-valor)	24.0	24.7	25.9	22.0	-	X	X	X
Operações da Rede Multibanco	21.8	20.8	17.9	19.1	19.3	19.2	22.4	19.3
Proc. Interna B. Consumo Indust. (opiniões-ve-mm3m)	-19	-18	-18	-15	-15	-17	-14	-15
Importações de Bens de Consumo (tvh)	10.2	5.8	6.4	12.9	-	X	X	X
<b>CONSUMO CORRENTE</b>								
Vendas no Com. Retalho B. Cons. Corr. (opiniões)	12	-6	10	-9	5	-7	-1	5
Vendas no Com. Retalho B. Cons. Corr. (índice)	-3.0	-0.8	0.6	-	-	-	-	-
Vendas de Super e Hipermercados	9.8	6.7	5.1	5.8	-	6.6	9.0	-
Vendas de Gasolina	3.5	1.0	0.4	0.7	-	0.5	1.5	-
Importações de Bens Alimentares (tvh)	-10.5	-6.0	4.8	11.5	-	X	X	X
Importações de Vestuário e Calçado (tvh)	8.7	3.1	16.7	17.5	-	X	X	X
Dormidas na Hotelaria	1.5	3.5	2.4	5.0	-	-	-	-
<b>CONSUMO DE BENS DURADOUROS</b>								
Vendas no Com. Retalho B. Durad. (opiniões)	-23	-22	-20	-17	-16	-7	-11	-16
Vendas no Com. Retalho B. Dur. (índice s/ Autom.)	11.7	9.4	9.9	-	-	-	-	-
Vendas de Automóveis e Veic. Todo-o-Terreno	17.4	-3.3	-1.7	-1.4	4.0	0.8	3.1	4.0
Matrículas de Automóv. e Veic. Todo-o-Terreno	28.2	6.4	8.7	7.4	6.4	6.2	6.4	6.4
Vol. de Negócios da Indústria Mobiliária (índice)	17.2	6.7	5.1	2.7	-	-	-	-
Importações de Automóveis (tvh)	42.1	13.4	-1.0	-5.6	-	X	X	X
Import. de Ap. Som Imagem e Electrodom. (tvh)	8.3	7.1	36.0	-	-	X	X	X

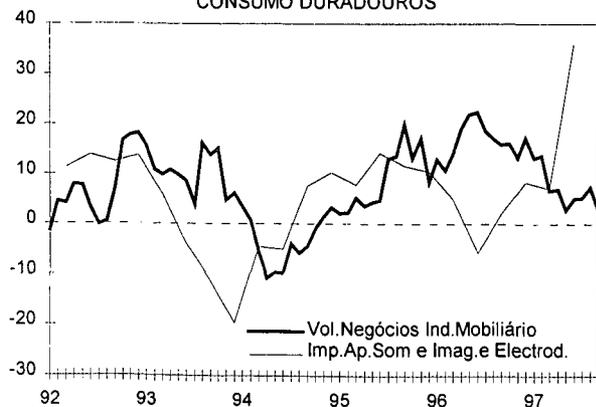
INDICADOR DE CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES



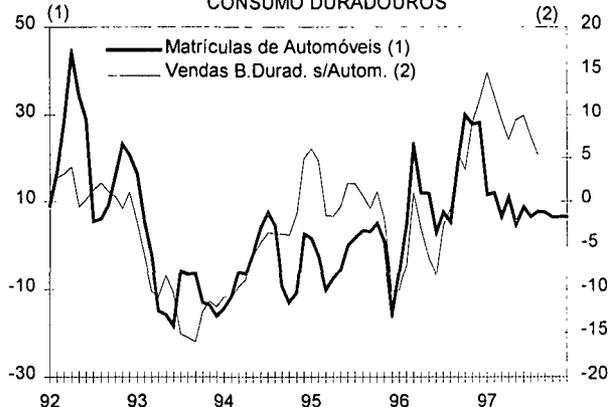
PROCURA INTERNA DE BENS



PROCURA INTERNA DE BENS  
CONSUMO DURADOUROS



PROCURA INTERNA DE BENS  
CONSUMO DURADOUROS



---

---

## CONSUMO FINAL

---

---

*O indicador de confiança dos consumidores estabilizou durante o quarto trimestre, depois de ter recuperado nos dois trimestres anteriores, apontando, tal como com outros indicadores, para uma relativa estabilização do ritmo de crescimento do consumo no final de 1997. No entanto, as vendas de automóveis e alguns indicadores de consumo corrente conheceram alguma reanimação durante o quarto trimestre.*

O indicador de confiança dos consumidores recuperou ao longo do primeiro semestre de 1997, apresentando depois uma estabilidade durante a segunda metade do ano. Este andamento deverá estar essencialmente associado com a relativa estabilização da taxa de desemprego durante os três últimos trimestres de 1997. As opiniões dos empresários da indústria de bens de consumo quanto ao nível da sua carteira de encomendas interna apresentaram um perfil semelhante até ao final de Dezembro. Este conjunto de avaliações sugere uma relativa estabilização do ritmo de crescimento do consumo durante o quarto trimestre de 1997. O confronto entre a informação relativa aos andamentos da procura interna e das importações de bens de consumo evidencia que a componente importada do consumo apresenta um dinamismo muito mais forte.

A recuperação do consumo durante o terceiro trimestre foi confirmada pelo crescimento de 12,9 por cento das importações deste tipo de bens, após um aumento médio próximo de 6 por cento durante o primeiro semestre. Esta subida das importações foi bastante intensa tanto nos bens alimentares como nos restantes bens de consumo, com excepção de automóveis que continuaram a diminuir.

No mesmo sentido vão as indicações fornecidas pelo índice de volume de vendas no comércio a retalho respeitante aos bens alimentares, bebidas, têxteis, vestuário e calçado. Apesar deste indicador ter registado um crescimento homólogo real de apenas 1 por cento ao longo do trimestre terminado em Agosto, esta evolução foi a mais favorável dos últimos trimestres. O mesmo sucedeu com as dormidas na

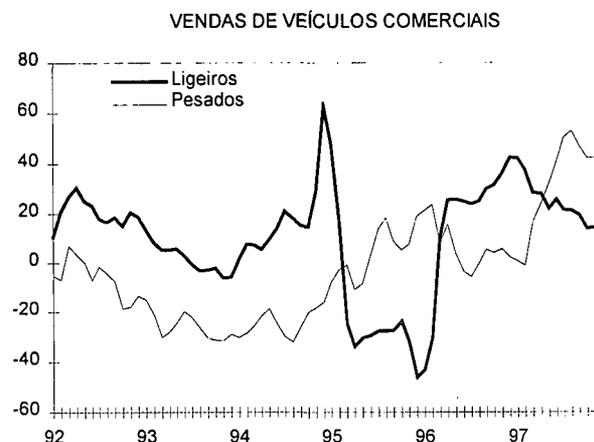
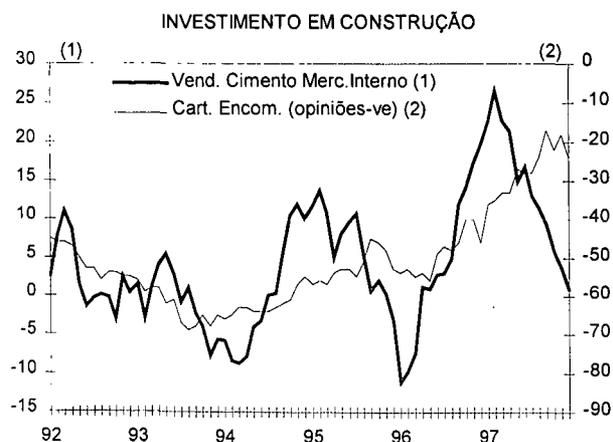
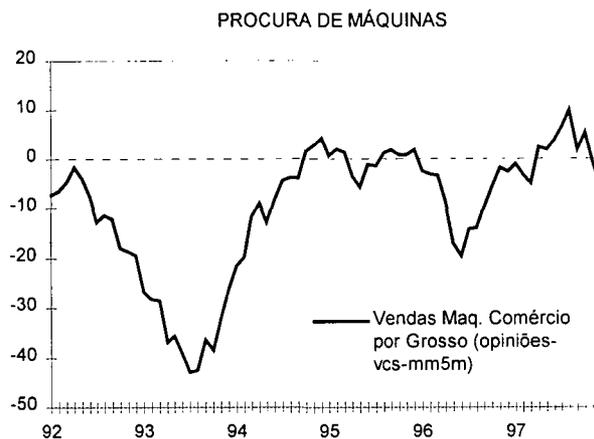
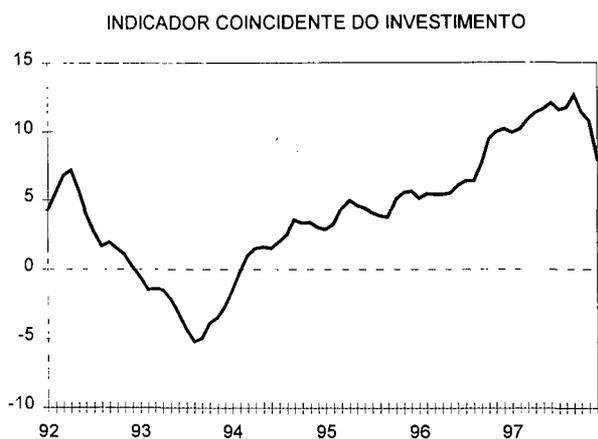
hotelaria que cresceram 5 por cento durante o terceiro trimestre.

O consumo corrente poderá ter continuado a recuperar durante o quarto trimestre. Vão neste sentido as opiniões dos empresários do comércio a retalho deste tipo de bens que se manifestaram mais optimistas no que concerne à evolução do seu volume de vendas até ao final de Dezembro. A mesma tendência de melhoria foi verificada nas vendas de supermercados, hipermercados, lojas de desconto e de conveniência que registaram um crescimento homólogo de 9 por cento ao longo do trimestre terminado em Novembro. As próprias vendas de gasolina conheceram uma ligeira reanimação crescendo 1,5 por cento durante este período.

Inversamente, alguns indicadores relativos a bens duradouros desaceleraram durante o segundo semestre de 1997. Assim, o índice de volume de vendas no comércio a retalho de bens duradouros (excluindo automóveis) apresentou uma variação homóloga real de 5,4 por cento durante o trimestre terminado em Agosto, a mais fraca desde o início de 1997. O mesmo se verificou com o índice de volume de negócios da indústria de mobiliário que cresceu apenas 2,7 por cento durante o terceiro trimestre.

No entanto, durante o quarto trimestre, as avaliações dos empresários do comércio a retalho de bens duradouros acerca do seu volume de vendas apresentaram uma relativa estabilidade e as vendas de automóveis conheceram uma ligeira reanimação. O número de vendas de automóveis e veículos todo-o-terreno novos subiu 4 por cento, embora o crescimento do número das suas matrículas tenha sido um pouco inferior ao dos dois trimestres anteriores.

	Trimestres					Meses		
	IV.96	I.97	II.97	III.97	IV.97	Out.97	Nov.97	Dez.97
<b>INVESTIMENTO</b>								
Indicador Coincidente de FBCF	10.2	10.9	12.1	12.7	7.9	11.4	10.8	7.9
Crédito ao Investimento Empresarial (tvh)	20.8	25.7	28.8	31.9	-	X	X	X
<b>CONSTRUÇÃO</b>								
Vendas de Cimento	19.7	22.6	16.8	9.4	0.9	5.8	3.7	0.9
Vendas de Varão para Betão	54.7	36.5	26.9	18.2	-15.5	10.0	-2.3	-15.5
Prod. Indust. de Barro p/Construção (índice-tvh)	4.5	17.6	22.7	16.0	-	X	X	X
Carteira de Encomendas (opiniões-ve)	-42	-35	-29	-23	-21	-22	-18	-24
Adjudic. Obras Públicas (tv ano termin. em-valor)	46.3	103.2	145.1	178.3	116.8	148.0	158.1	116.8
Crédito para Compra de Habitação (tvh-valor)	50.9	33.5	38.2	40.5	-	X	X	X
Licenças p/ Construção de Habit. Novas	12.8	6.5	10.8	9.8	-	11.8	-	-
<b>MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS</b>								
Vendas no Comércio por Grosso (opiniões)	0	-9	12	4	-13	7	-6	-13
<b>MATERIAL DE TRANSPORTE</b>								
Vendas de Veículos Comerciais Ligeiros	42.5	28.4	25.6	19.5	13.4	13.9	14.4	13.4
Vendas de Veículos Comerciais Pesados	2.3	16.8	41.0	47.0	35.6	42.4	42.5	35.6
Importações de Outro Mat. de Transporte (tvh)	-71.4	-14.5	36.0	58.6	-	X	X	X



---

---

## INVESTIMENTO

---

---

*O investimento manteve um forte crescimento mas desacelerou durante o último trimestre de 1997. Esta tendência de desaceleração foi extensiva a todas as suas principais componentes, com excepção do investimento das famílias em habitação que deverá ter consolidado o seu ritmo de crescimento.*

O ritmo de crescimento do indicador coincidente do investimento abrandou ao longo dos últimos meses, conhecendo uma variação homóloga de 7,9 por cento durante o quarto trimestre, contra 12,7 por cento no decorrer do terceiro trimestre. Contudo, este indicador registou no conjunto de 1997 um andamento muito mais favorável do que em 1996.

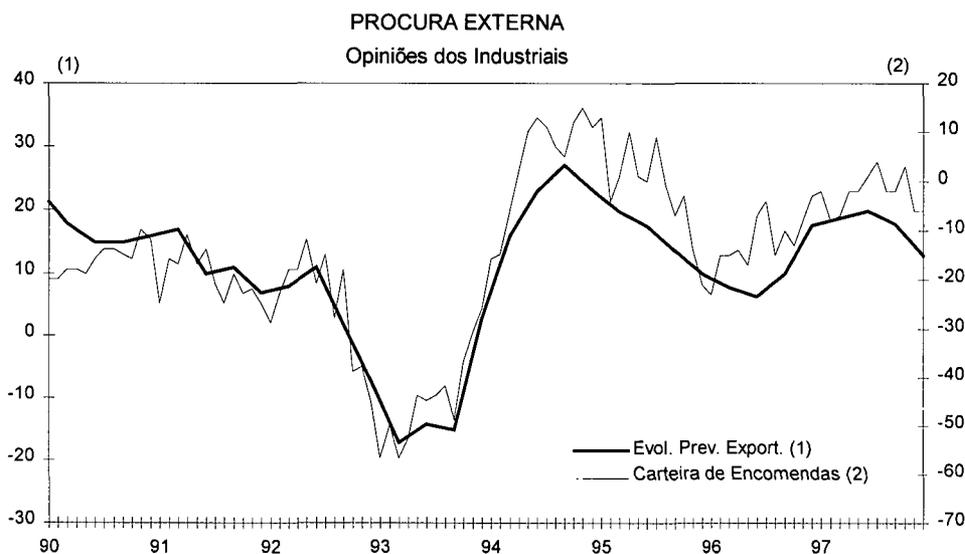
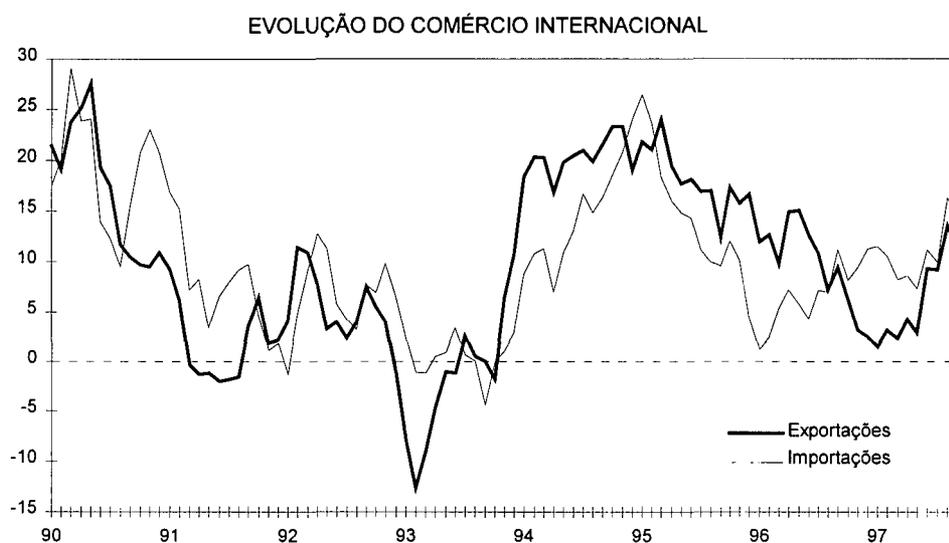
O investimento em construção continuou a ser animado pelo intensa procura de habitação por parte das famílias. Este dinamismo deverá ser explicado, em grande parte, pela descida do nível das taxas de juro. No entanto, o investimento global em construção registou durante os últimos meses um ritmo de crescimento menos intenso, tendo em conta a evolução da venda dos materiais de construção e dos indicadores respeitantes ao subsector das obras públicas. As opiniões dos empresários do comércio do subsector grossista de máquinas mostraram-se também menos favoráveis quanto à evolução do volume de vendas de bens de investimento até ao final de Dezembro, deixando antever alguma desaceleração do investimento em máquinas e equipamentos. O crescimento das vendas de veículos comerciais tem vindo a registar um andamento mais moderado, embora permanecendo intenso.

As opiniões dos empresários do sector da construção e obras públicas foram menos favoráveis quanto à evolução da sua carteira de encomendas até ao final de Dezembro. O comportamento das vendas de materiais de construção no mercado interno sugere,

igualmente, uma desaceleração do investimento global em construção. Assim, as vendas de cimento registaram um crescimento homólogo de apenas 0,9 por cento, durante o quarto trimestre, que contrasta com uma variação homóloga de 9,4 por cento ao longo do terceiro trimestre. As vendas de varão para betão apresentaram mesmo uma descida homóloga de 15,5 por cento, no decorrer do período em análise. O valor das adjudicações de obras públicas teve uma variação homóloga de 116,8 por cento, durante o ano terminado em Dezembro. Apesar de muito forte, este crescimento retrocedeu face ao apurado no final do trimestre anterior. Inversamente, as licenças para construção de habitações novas revelaram um crescimento homólogo de 11,8 por cento, durante o trimestre terminado em Outubro, contra 9,8 por cento durante o terceiro trimestre. As opiniões dos empresários do sector da construção, inquiridos pela AECOPS, continuaram a sugerir um andamento bastante favorável das suas vendas de fogos até ao final de Dezembro. Estes indicadores apontam para a persistência de um forte crescimento do investimento das famílias em habitação.

As vendas de veículos comerciais ligeiros e pesados apresentaram ao longo do quarto trimestre, variações homólogas de 13,4 e 35,6 por cento, respectivamente, evidenciando igualmente uma relativa desaceleração face ao observado no decorrer do trimestre anterior.

	Trimestres					Meses		
	IV.96	I.97	II.97	III.97	IV.97	Out.97	Nov.97	Dez.97
<b>PROCURA EXTERNA</b>								
Indicador de Procura Externa em valor (ECU)	6.6	6.6	10.3	14.1	-	15.1	-	-
Exportações de Mercadorias em valor (Esc.)	2.5	2.3	9.3	11.3	-	-	-	-
Intra-União Europeia	2.0	3.5	9.2	10.2	-	-	-	-
Extra-União Europeia	4.3	-3.1	9.8	15.9	-	17.6	-	-
Exportações de Mercadorias em volume (tvh)	6.5	4.5	-	-	-	X	X	X
Carteira de Encomendas Externa (opiniões-ve)	-8	-6	-1	0	-3	3	-6	-6
Evoluç.Prevista das Export.(opiniões-vcs-valor trim.)	17	19	20	18	13	X	X	X
<b>IMPORTAÇÕES</b>								
Importações de Mercadorias em valor (Esc.)	11.3	8.2	11.2	14.2	-	-	-	-
Importações de Mercadorias em volume (tvh)	12.9	10.4	-	-	-	X	X	X
<b>TAXA DE COBERTURA (vcs-mm3m)</b>	<b>67.9</b>	<b>68.1</b>	<b>69.4</b>	<b>66.5</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>



---

---

## PROCURA EXTERNA

---

---

*O valor das exportações de mercadorias apresentou um forte crescimento durante o terceiro trimestre mas as apreciações dos industriais sugerem uma evolução menos favorável da respectiva carteira de encomendas externa até ao final de Dezembro. O valor das importações reforçou a tendência de aceleração observada desde o final do primeiro trimestre de 1997, acompanhando a evolução bastante favorável da procura interna e a apreciação do dólar face ao escudo.*

Durante o terceiro trimestre de 1997, o valor das exportações de mercadorias registou um crescimento homólogo de 11,3 por cento, melhorando em relação à subida de 5,8 por cento verificada ao longo do primeiro semestre. Este perfil de evolução foi semelhante ao do valor das importações dos principais clientes de Portugal, o qual registou uma subida homóloga de 15,1 por cento durante o trimestre terminado em Outubro.

O valor das exportações com destino à UE conheceu uma forte aceleração durante o terceiro trimestre, registando uma variação homóloga de 10,2 por cento. Entre Janeiro a Setembro, as vendas com destino ao Reino Unido apresentaram um forte dinamismo, aumentando 23,4 por cento. Esta evolução resulta da apreciação da libra face ao escudo e do dinamismo da procura interna no Reino Unido. As exportações para Itália e para a Bélgica registaram igualmente uma evolução muito positiva, mas as vendas para a Alemanha, que representam 20,4 por cento do total das exportações portuguesas, aumentaram apenas 1,6 por cento.

O valor das exportações extra-comunitárias manteve um ritmo de crescimento bastante intenso durante o trimestre terminado em Outubro, aumentando 17,6 por cento. No conjunto dos dez primeiros meses de 1997, as vendas com destino aos EUA e PALOP conheceram variações homólogas de 18,7 e 38,8 por cento, respectivamente, enquanto as exportações para a EFTA e para o Japão apresentavam quebras acentuadas.

No período de Janeiro a Setembro, as exportações de produtos agrícolas aumentaram 20,3 por cento,

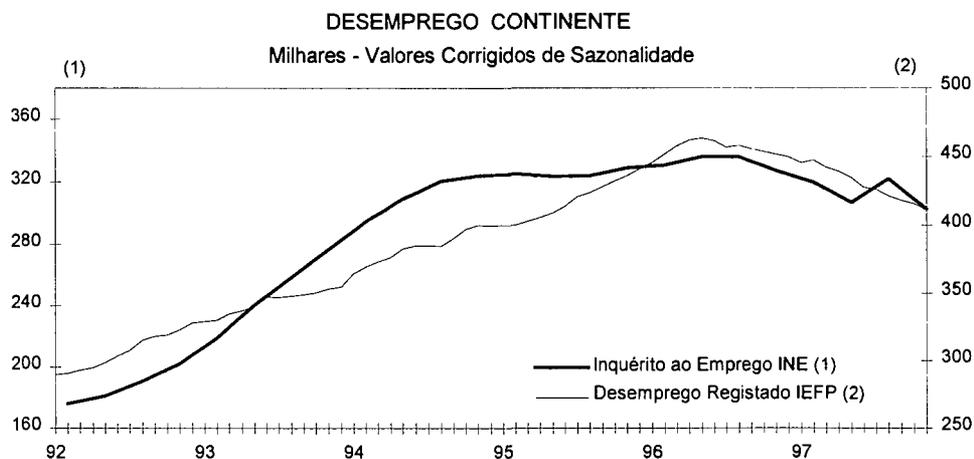
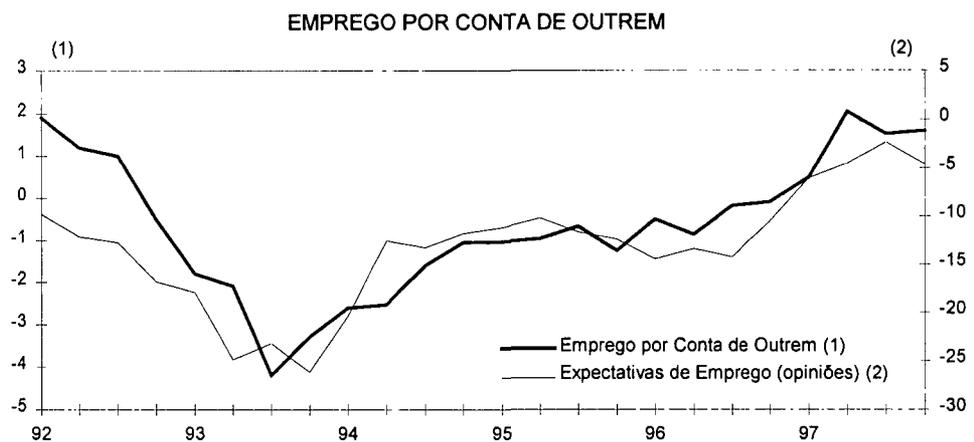
enquanto as vendas de matérias têxteis e de madeira e cortiça conheciam crescimentos superiores a 15 por cento, e as de plásticos e borracha e de calçado aumentavam cerca de 13 por cento. As exportações de vestuário subiram 4,7 por cento e as de máquinas e aparelhos e material de transporte cresceram apenas 2,1 e 1 por cento, respectivamente. No entanto, a evolução das exportações destes produtos durante o terceiro trimestre foi mais favorável do que na primeira metade do ano.

O valor das importações de mercadorias conheceu um crescimento bastante intenso durante o terceiro trimestre, apresentando uma subida homóloga de 14,2 por cento, contra 8,2 e 11,2 por cento no decorrer do primeiro e segundo trimestres. As importações de combustíveis e máquinas e aparelhos subiram intensamente, registando crescimentos homólogos de 20,5 e 13,5 por cento, respectivamente, durante o período de Janeiro a Setembro.

A taxa de cobertura das importações pelas exportações, corrigida da sazonalidade, foi de 66,5 por cento durante o terceiro trimestre, diminuindo 2,9 pontos percentuais em relação à verificada durante o segundo trimestre.

As avaliações dos industriais portugueses sugerem uma evolução menos favorável da sua carteira de encomendas externa até ao final de Dezembro. Dos industriais abrangidos pelo inquérito comunitário, apenas os espanhóis e os gregos se revelaram também menos otimistas quanto à evolução da sua carteira externa durante esse período.

	Trimestres					Meses		
	IV.96	I.97	II.97	III.97	IV.97	Out.97	Nov.97	Dez.97
<b>EMPREGO E DESEMPREGO</b>								
EMPREGO (Continente)								
Emprego Total (tvh)	0.5	0.7	2.1	2.2	2.7	X	X	X
Emprego na Indústria Transformadora (tvh)	-4.4	-4.1	-2.7	-1.6	1.9	X	X	X
Emprego na Construção (tvh)	6.3	13.5	12.1	15.8	11.4	X	X	X
Emprego nos Serviços (tvh)	-0.3	-1.1	0.3	-1.1	-2.1	X	X	X
Emprego por Conta de Outrem (tvh)	-0.1	0.5	2.0	1.5	1.6	X	X	X
Indicador de Expectat.de Emprego (opiniões-ve)	-11	-6	-5	-2	-5	X	X	X
DESEMPREGO - INQUÉRITO INE (Continente - vcs)								
Total (milhares)	327.4	319.7	306.8	321.8	302.6	X	X	X
Taxa de Desemprego (valor trimestral)	7.2	7.0	6.6	6.9	6.5	X	X	X
DESEMPREGO - IEFP (Total do País - vcs - milhares)								
Desempregados Inscritos no Fim do Mês	462.3	454.9	442.6	434.6	-	430.8	425.2	-
Desempreg. Inscritos ao Longo do Mês (mm3m)	31.1	27.2	31.7	33.6	-	33.3	33.8	-
SALÁRIOS - Total (mm3m)	4.3	3.6	3.6	3.6	3.4	3.6	3.4	3.4



---

## EMPREGO E SALÁRIOS

---

*O emprego cresceu durante o quarto trimestre, permitindo que a taxa de desemprego recuasse para um nível próximo do verificado no segundo trimestre. O emprego por conta de outrem continuou a aumentar, particularmente na construção, mas baseado fundamentalmente em contratos de vínculo não permanente.*

O emprego registou uma subida homóloga de 2,7 por cento durante o quarto trimestre, o que constitui a evolução mais intensa dos últimos anos. A criação de emprego foi acompanhada por um aumento significativo da população activa, nomeadamente no sector primário. O emprego do conjunto dos sectores secundário e terciário teve uma subida de apenas 0,3 por cento, um pouco inferior à apurada nos dois trimestres anteriores, sendo, no entanto, de realçar o crescimento de 11,4 por cento do emprego no sector da construção e a continuação da queda do emprego no sector dos serviços. Em termos de situação na profissão, foi a categoria de isolados que conheceu o crescimento mais forte, embora também se tenha verificado um aumento do emprego por conta de outrem.

O emprego por conta de outrem cresceu 1,6 por cento por cento, uma evolução semelhante à do trimestre anterior. Esta subida foi essencialmente assegurada pelo sector da construção, que cresceu 16,6 por cento, enquanto nos restantes sectores crescia apenas 0,2 por cento. A precariedade do emprego continuou a aumentar, tendo o número de contratos sem vínculo permanente subido 14,7 por cento, enquanto os contratos com vínculo permanente diminuían 0,4 por cento.

As expectativas conjuntas dos empresários dos sectores da indústria, do comércio e da construção tinham previsto uma desaceleração do crescimento do emprego por conta de outrem durante o quarto trimestre, o que, interpretado como um índice de difusão, aponta para que o crescimento do emprego no

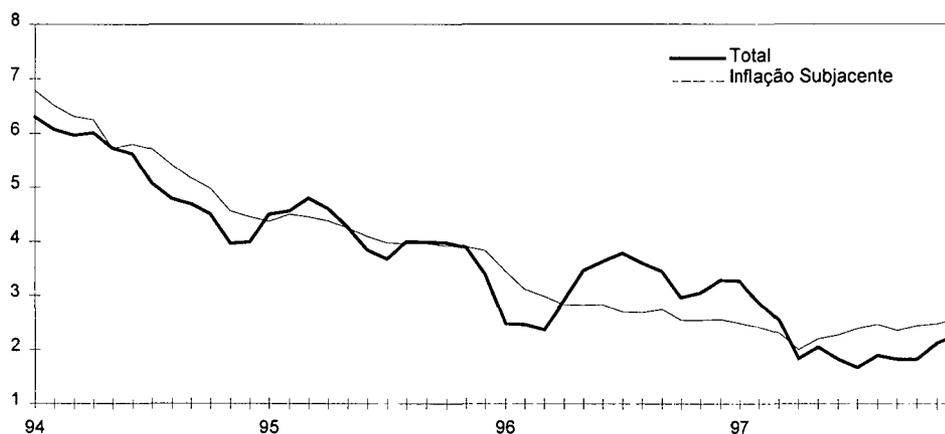
quarto trimestre tenha sido baseado numa menor percentagem de empresas.

A taxa de desemprego, corrigida da sazonalidade, desceu para 6,5 por cento, retomando um nível próximo do alcançado durante o segundo trimestre, depois de ter subido para 6,9 por cento durante o terceiro trimestre. Esta trajectória de descida do desemprego foi também observada no número de desempregados inscritos nos centros de emprego que, corrigido da sazonalidade, manteve uma descida continuada até ao final de Novembro. A diminuição do desemprego foi observada tanto nos desempregados à procura de novo emprego como nos desempregados à procura de primeiro emprego. A taxa de desemprego desceu em 1997 com maior intensidade nas regiões de Lisboa e Vale do Tejo e no Algarve, o que poderá ser atribuído ao dinamismo da actividade no sector da construção, sobretudo no primeiro caso, e à recuperação do sector do turismo, no caso do Algarve. A descida da taxa de desemprego foi também constatada, embora com menor intensidade, nas regiões do Norte e do Centro.

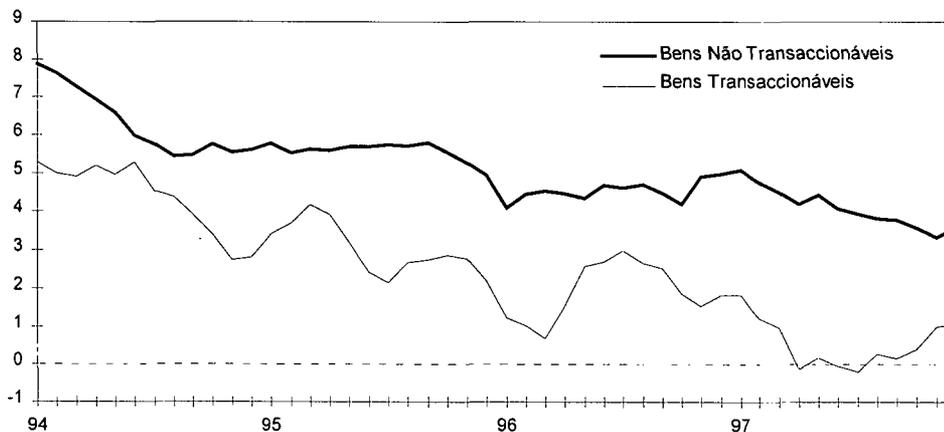
A variação média intertabelas salariais anualizada e ponderada pelo número de trabalhadores abrangidos pelos instrumentos da Regulamentação Colectiva de Trabalho conheceu uma variação homóloga de 3,4 por cento durante o quarto trimestre, após uma subida de 3,6 por cento nos três primeiros trimestres de 1997. Tendo em conta a evolução dos preços no consumidor, o poder de compra salarial aumentou apenas 1,3 por cento, uma subida inferior em 0,5 pontos percentuais às verificadas nos segundo e terceiro trimestres.

	Trimestres					Meses		
	IV.96	I.97	II.97	III.97	IV.97	Out.97	Nov.97	Dez.97
<b>PREÇOS E CÂMBIOS</b>								
Preços no Consumidor (índice mensal nacional)	3.1	2.9	1.9	1.8	2.1	1.8	2.1	2.3
Preços no Consumidor (índice mensal harmonizado)	2.8	2.5	1.7	1.5	-	1.6	1.9	-
Indicador de Inflação Subjacente (valor mensal)	2.6	2.4	2.2	2.4	2.5	2.4	2.5	2.6
Bens Transaccionáveis (índice mensal)	1.7	1.3	0.0	0.1	0.8	0.4	1.0	1.1
Bens Transaccion. Não Alimentares (índice mensal)	1.9	1.9	1.6	1.6	1.3	1.4	1.3	1.2
Bens não Transaccionáveis (índice mensal)	4.7	4.8	4.2	3.8	3.5	3.6	3.3	3.6
Preços de Produção na Ind. Transformadora (índice)	4.9	3.7	0.7	2.0	-	1.9	-	-
Preç. Prod. na Ind. Transf. (índice excl. Alim. e Energ.)	0.9	0.8	0.8	1.4	-	1.5	-	-
Expectat. de Preços na Ind. Transf. (opiniões)	4	8	9	9	9	10	9	9
Preços de Exportação (índice-tvh)	-3.8	-2.1	-	-	-	X	X	X
Preços de Importação (índice-tvh)	-1.5	-2.0	-	-	-	X	X	X
<b>EVOLUÇÃO CAMBIAL</b>								
Taxa de Câmbio Efectiva (índice mensal)	0.3	-0.1	-0.7	-3.1	-	-3.7	-3.7	-
Câmbio ECU/Esc. (valor mensal)	-0.6	-1.7	-1.5	-2.8	-	-3.3	-3.8	-
Câmbio Dólar/Esc. (valor mensal)	-3.3	-8.4	-9.3	-16.1	-	-13.7	-13.6	-

TAXA DE INFLAÇÃO MENSAL



INFLAÇÃO POR TIPOS DE BENS



---

---

## PREÇOS E CÂMBIOS

---

---

*A variação homóloga do índice de preços no consumidor subiu para 2,3 por cento em Dezembro. Os preços dos bens alimentares são os principais responsáveis pela aceleração registada pela inflação durante o segundo semestre de 1997. Mas o indicador de inflação subjacente registou também uma ligeira tendência de subida durante os últimos meses.*

A variação homóloga do índice de preços no consumidor teve uma subida homóloga de 2,3 por cento durante o mês de Dezembro. Desde o final de Julho que esta medida da inflação apresenta uma tendência de subida. A variação homóloga do índice de preços harmonizado vem evidenciando um comportamento semelhante, tendo conhecido um valor de 1,9 por cento em Novembro.

Apesar da ligeira aceleração da variação homóloga mensal durante o segundo semestre, a variação média anual do índice situava-se em 2,2 por cento no final de Dezembro, quando fora de 3,1 por cento em 1996.

Os bens alimentares foram os principais responsáveis pela subida da inflação durante os últimos meses, particularmente as féculas e amidos, os legumes, a carne de porco e de animais de capoeira, o peixe e os ovos, cujos preços subiram muito mais intensamente do que durante idêntico período de 1996. Como resultado, a variação homóloga dos preços dos bens alimentares transaccionáveis subiu para 0,9 por cento em Dezembro, quando em Julho registava um valor negativo de 2,2 por cento, e a variação homóloga dos bens alimentares não transaccionáveis passou de 1,9 por cento para 2,5 por cento durante o mesmo período.

Em contrapartida, a variação homóloga do índice de preços dos bens transaccionáveis não alimentares desceu em Dezembro para apenas 1,2 por cento e a variação homóloga dos preços dos bens não transaccionáveis não alimentares oscilou em torno de 4,3 por cento durante o quarto trimestre, o que constitui, em ambos os casos, a evolução mais fraca dos últimos anos. No entanto, é provável que os preços dos bens transaccionáveis não alimentares venham a conhecer

uma subida um pouco mais intensa durante os próximos meses, tendo em conta, a evolução dos preços à saída da fábrica, a subida da inflação na União Europeia e a desvalorização do escudo.

De facto, durante o trimestre terminado em Outubro, a variação homóloga do índice de preços de produção na indústria transformadora, excluindo produtos alimentares e energéticos, foi já de 1,5 por cento, quando não fora além de 0,8 por cento durante o primeiro semestre. Por sua vez, as expectativas empresariais acerca da evolução dos preços de venda na indústria transformadora revelaram um perfil de evolução semelhante até ao final de Dezembro.

Em contrapartida, deverá continuar a assistir-se a uma descida da variação homóloga dos preços dos bens não transaccionáveis não alimentares e do conjunto dos bens não transaccionáveis. A variação homóloga média dos bens não transaccionáveis situou-se em cerca de 3,5 por cento durante o quarto trimestre, mantendo um andamento próximo dos salários contratados, cuja evolução anualizada se situou no mesmo período em 3,4 por cento. Se o crescimento nominal dos salários abrandar um pouco mais, é provável que o mesmo venha a suceder com os preços do conjunto dos bens não transaccionáveis.

O indicador de inflação subjacente, sintetizando a evolução dos preços de produtos que maior aderência têm apresentado com a tendência de fundo da inflação, evidenciou uma tendência de ligeira aceleração durante o segundo semestre de 1997, tendo a variação homóloga do respectivo índice passado de um valor médio de 2,2 por cento durante o segundo trimestre para 2,6 por cento no final de Dezembro.

## NOTAS

Com excepção de situações devidamente identificadas, os valores que constam nos quadros e gráficos e que servem de referência para a análise são, no caso das séries quantitativas, variações homólogas em média móvel de 3 meses ou, no caso das séries qualitativas, médias móveis de 3 meses de valores corrigidos da sazonalidade (v.c.s.).

### **Página 2. Enquadramento Externo.**

*PIB dos países clientes.* Agregação da variação homóloga do PIB (1990=100), a preços constantes, dos Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Espanha, Itália, Holanda, Suécia, Dinamarca e Suíça; ponderadores: estrutura das exportações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

*Índice de Produção Industrial - Países Clientes.* Agregação dos índices de produção industrial (1990=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica e excluindo Suíça e Dinamarca), utilizando idênticos ponderadores. Fonte: OCDE e INE.

*Índice de Preços de Produção - Países Fornecedores.* Agregação dos índices de preços de produção (1990=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica); ponderadores: estrutura das importações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

*Índice de Preços no Consumidor - UE. Harmonizado.* Fonte: EUROSTAT.

*Taxa de Desemprego - UE.* Fonte: OCDE.

*Carteira de Encomendas - Indústria da UE.* Inquérito à Indústria Transformadora. Fonte: CE.

*Indicador de Confiança dos Consumidores - UE.* Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE.

*Índice de Preços de Matérias Primas ("The Economist").* 1990=100, em dólares.

### **Página 4. Actividade Económica.**

*Indicador de Clima Económico.* Variável estimada com base em séries dos inquéritos de opinião à indústria transformadora, ao comércio, à construção e à indústria transformadora da UE. Ver documento de trabalho do GE-INE.

*Indicador de Actividade Económica.* Variável estimada com séries quantitativas. Ver documento de trabalho do GE-INE.

*Indicadores de Clima na Indústria, no Comércio e na Construção.* Variáveis estimadas com base em séries qualitativas dos respectivos inquéritos de opinião. Ver documento de trabalho do GE-INE.

*Índices (1990=100) de Produção da Indústria Transformadora, de Volume de Negócios da Indústria Transformadora, de Volume de Vendas do Comércio a Retalho, Procura Interna de Bens Intermédios.* Fonte: INE.

*Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto.* Fonte: Direcção Geral de Turismo, Ministério da Economia (M.E.).

*Consumo de Energia Eléctrica.* Evolução corrigida da temperatura e do número de dias úteis. Fonte: EDP.

*Consumo Industrial de Energia Eléctrica.* Fonte: EDP.

*Consumo de Fuel - Indústria Transformadora.* Fonte: Petrogal.

### **Página 6. Consumo Final.**

*Consumo Público.* Fonte: Direcção Geral do Orçamento, Ministério das Finanças (M.F.).

*Indicador de Confiança dos Consumidores.* Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE até Julho de 1996, valores corrigidos da sazonalidade; entre Agosto de 1996 e Agosto de 1997, valores corrigidos da sazonalidade, estimação do GE do INE através de modelo econométrico; a partir de Setembro de 1997, inquérito do INE, valores efectivos.

*Crédito a Particulares para Outros Fins (excluindo habitação).* Valores de fim do mês. Fonte: Banco de Portugal.

*Operações Multibanco.* Montantes de levantamentos de nacionais, de pagamentos de serviços e compras TPA. Fonte: SIBS.

*Procura Interna de Bens de Consumo Industriais, Vendas no Comércio a Retalho (opiniões e índices), Importação de Automóveis,*

*Índice de Volume de Negócios da Indústria de Mobiliário, Dormidas na Hotelaria.* Fonte: INE.

*Importações de Bens de Consumo, de Bens Alimentares, de Vestuário e Calçado, de Aparelhos de Som e Imagem e Electrodomésticos.* Fonte: INE e Direcção Geral das Relações Económicas Internacionais (DGREI), M.E..

*Vendas de Super e Hipermercados, Lojas de Desconto e de Conveniência.* Fonte: APED.

*Vendas de Gasolina.* Fonte: Petrogal.

*Vendas e Matrículas ( Emissão de Livretes) de Automóveis e de Veículos de Todo-o-Terreno.* Fonte: ACAP.

### **Página 8. Investimento.**

*Indicador Coincidente.* Agregação ponderada de indicadores de investimento na construção, máquinas e veículos comerciais. Ver documento de trabalho do GE-AE.

*Crédito ao Investimento Empresarial.* Crédito a empresas não financeiras. Valor no final do mês. Fonte: Banco de Portugal.

*Vendas de cimento.* Fonte: CIMPOR e SECIL.

*Vendas de Varão para Betão.* Fonte: Siderurgia Nacional e INE(importações).

*Índice de Produção de Barro para Construção (1990=100), Carteira de Encomendas na Construção, Licenças para Construção,*

*Vendas de Máquinas no Comércio por Grosso, Importações de Outro Material de Transporte.* Fonte: INE:

*Crédito para Compra de Habitação.* Fluxos trimestrais. Fonte: Direcção Geral do Tesouro, M.F..

*Adjudicações de Obras Públicas.* Fonte: AECOPS.

*Vendas de Veículos Comerciais.* Fonte: ACAP.

### **Página 10. Procura Externa.**

*Indicador de Procura Externa.* Agregação ponderada do valor (em ECU) das mercadorias importadas pelos principais países clientes de Portugal (os mesmos utilizados para o PIB dos países clientes, mais a Bélgica e menos a Holanda). Fonte: OCDE.

*Exportações de Mercadorias, Importações de Mercadorias, Carteira de Encomendas, Volume Exportado - Previsto - e Taxa de Cobertura.* Fonte: DGREI, M.E., e INE.

### **Página 12. Emprego e Salários.**

*Emprego, Expectativas de Emprego, Desemprego - Inquérito às Famílias.* Fonte: INE.

*Desemprego - Mercado de Emprego.* Fonte: IEFP.

*Salários.* Variação Média Ponderada Intertabelas, anualizada. Fonte: Gabinete de Estudos de Rendimento do Trabalho, Ministério Para a Qualificação e o Emprego.

### **Página 14. Preços e Câmbios.**

*Índices de Preços no Consumidor(1991=100), de Produção na Indústria (1990=100) e Expectativas sobre Preços na Indústria .* Fonte: INE.

*Inflação Subjacente.* Estimada com base em índices de preços no consumidor (1991=100) de 75 subgrupos de produtos. Ver documento de trabalho do GE-AE.

*Índices de Preços de Exportação e de Importação(1993=100).* Comércio de Mercadorias. Fonte: DGREI, ME.

*Informação sobre Câmbios.* Fonte: Banco de Portugal.

# LISTA DE PUBLICAÇÕES

Algumas Publicações  
Editadas pelo INE

## \* PORTES DE CORREIO

	PORTUGAL		EUROPA		RESTO DO MUNDO	
	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso
1	1.860\$00	155\$00	4.920\$00	410\$00	9.120\$00	760\$00
2	960\$00	80\$00	2.460\$00	205\$00	3.960\$00	330\$00
3	320\$00	80\$00	820\$00	205\$00	1.320\$00	330\$00
4	160\$00	80\$00	410\$00	205\$00	660\$00	330\$00
5	280\$00	280\$00	750\$00	750\$00	1.450\$00	1.450\$00
6	510\$00	510\$00	1.300\$00	1.300\$00	2.550\$00	2.550\$00

	AVULSO	ASSIN. *
<b>ESTUDOS, METODOLOGIA, COOPERAÇÃO</b>		
Revista de Estatística 1997 (quadrimestral)	2.270\$00	5.450\$00 7
Inquérito de Conjuntura aos Consumidores 1997 - Metodologia	5100\$00	
<b>NOMENCLATURA E CONCEITOS ESTATÍSTICOS</b>		
Índice Alfabético da CAE/CNBS	5.000\$00	
Nomenclaturas Territoriais Designações e Códigos 1996	4.000\$00	
<b>ESTATÍSTICAS GERAIS</b>		
Anuário Estatístico de Portugal 1996	10.200\$00	8.160\$00 6
Contas Nacionais 1993	1.700\$00	
Boletim Mensal de Estatística 1997 (x 12)	2.280\$00	21.890\$00 1
Portugal em Números 1996	Gratuito	
Catálogo de Publicações 1997	Gratuito	
<b>POPULAÇÃO AMBIENTE CONDIÇÕES SOCIAIS</b>		
Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 1995	4.300\$00	
Estatísticas da Saúde 1996	9.000\$00	7.200\$00 6
Estatísticas Demográficas 1996	7.410\$00	5.930\$00 6
Estatísticas do Ambiente 1995	3.900\$00	
Estatísticas do Emprego 1997	1.060\$00	3.390\$00 3
Indicadores de Conforto das Famílias 1995	1.030\$00	
Inquérito às Férias dos Portugueses 1994-1995	2.880\$00	
<b>AGRICULTURA, PRODUÇÃO ANIMAL, SILVICULTURA E PESCA</b>		
Estatísticas da Pesca 1996	2.710\$00	2.170\$00 5
Estatísticas Agrícolas 1996	3.920\$00	3.140\$00 5
Estatísticas Regionais da Produção Vegetal 1986 - 1995	1.800\$00	
A Floresta nas Explorações Agrícolas 1995	600\$00	
Estatísticas da Produção Agro-Industrial 1992-1995	1.500\$00	
Contas Económicas da Agricultura 1986 - 1995	1.380\$00	
Balanços de Abastecimento 1992 - 1996	600\$00	
Estado das Culturas e Previsão das Colheitas 1997	440\$00	4.220\$00 2
<b>INDÚSTRIA, CONSTRUÇÃO E ENERGIA</b>		
Estatísticas da Construção de Edifícios 1996	1.950\$00	
Estatísticas da Produção Industrial 1994	1.790\$00	
Estatísticas das Empresas - Construção e Obras Públicas 1995	900\$00	
Índice de Produção Industrial 1997	280\$00	2.690\$00 2
Estatísticas das Empresas - Indústria 1995	1.330\$00	
Inquérito Mensal à Construção e Obras Públicas 1997	1.000\$00	9.600\$00 2
Índice de Preços na Produção Industrial 1997	370\$00	3.550\$00 2
Índices de Volume de Negócios e Emprego na Indústria 1997	450\$00	1.730\$00 2
Inquérito Mensal à Indústria Transformadora 1997	950\$00	9.120\$00 2
Inquérito Trimestral de Conjuntura Serviços Prestados às Empresas 1997	430\$00	1.380\$00 3
<b>COMÉRCIO INTERNACIONAL</b>		
Comércio Internacional 1997	1.390\$00	13.340\$00 2
Estatísticas do Comércio Internacional 1996	8.250\$00	6.600\$00 6
Comércio Extra-Comunitário 1997	790\$00	7.580\$00 2
<b>SERVIÇOS</b>		
Estatísticas do Turismo 1996	4.870\$00	3.900\$00 6
Estatísticas dos Transportes e Comunicações 1996	7.950\$00	6.360\$00 6
Estatísticas do Transporte Rodoviário de Passageiros 1996	2.320\$00	
Estatísticas das Empresas - Hotéis, Restaurantes e Agências de Viagens e Turismo 1995	2.270\$00	
Estatísticas das Emp. - Op. s/ Imóveis e Serv. Prestados às Emp. e Outros Serv. Sociais e Pessoais 1995	3.870\$00	
Estatísticas das Empresas - Transportes, Armazenagem e Comunicações 1995	2.560\$00	
Estatísticas das Empresas - Comércio 1995	2.240\$00	
Estabelecimentos Comerciais 1996	1.250\$00	
Estatísticas das Empresas - Educação 1994 - 1995	2.770\$00	
Estatísticas das Empresas - Saúde 1995	2.100\$00	
Índice do Volume de Vendas do Comércio ao Detalhe 1997	200\$00	1.920\$00 2
Inquérito Mensal de Conjuntura ao Comércio 1997	1.500\$00	14.400\$00 2
<b>ECONOMIA E FINANÇAS</b>		
Estatísticas das Receitas Fiscais 1993 - 1995	4.230\$00	
Empresas em Portugal 1990 - 1995	2.190\$00	
Estatísticas das Administrações Públicas 1995	2.820\$00	
Estatísticas Monetárias e Financeiras 1996	5.680\$00	
Índice de Preços no Consumidor 1997	1.420\$00	13.630\$00 2
Inquérito de Conjuntura ao Investimento 1997	960\$00	1.540\$00 4
<b>ESTATÍSTICAS REGIONAIS</b>		
Contas Regionais 1990-1992	3.840\$00	
Anuário Estatístico da Região Lisboa e Vale do Tejo 1996	5.030\$00	
Anuário Estatístico da Região Algarve 1996	4.200\$00	
Anuário Estatístico da Região Alentejo 1996	4.600\$00	
Anuário Estatístico da Região Centro 1996	6.500\$00	
Anuário Estatístico da Região Norte 1996	4.550\$00	
Anuário Estatístico Galicia-Norte de Portugal 1996	4.370\$00	



P1359712